

A ética e a Grande Moral é assunto da atualidade?

José Eduardo Tappan Merino.

Lacan coloca a ética no centro da orientação da prática analítica, essa mesma que se produzirá ao acessar a verdade do desejo, que é o que sujeita inconscientemente uma existência. A ética refere-se à "exótica singularidade", enquanto a moral se refere ao bem público ou profissional. Lacan também diferencia claramente ética e moral nesse seminário. Além disso, Lacan propõe que o trabalho analítico não consiste em remover um sintoma, mas sim, em reconhecer a complexa rede inconsciente que o conecta a outros aspectos da vida do paciente, até mesmo a outros sintomas. Portanto, trata-se de um posicionamento subjetivo responsável pela maneira em que os sintomas e os diferentes desconfortos têm um lugar e um papel a desempenhar na vida do paciente.

Na sua novela "Justine", que tem como subtítulo "as desventuras da virtude", Sade apresenta duas irmãs que, diante da orfandade, escolhem caminhos diferentes; Juliette se permite viver seus desejos, enquanto Justine foge de tudo o que é considerado socialmente inadequado. O que Sade busca mostrar é que existe uma dupla moral que rege a vida de todos os homens, mesmo aqueles considerados mais puros e bons. Assim, Justine tem uma vida infame e terrível por não aceitar "a vida como ela é" e querer que ela seja como acredita que "deveria ser". O estilo de Sade é uma crítica a essas formas sociais falsas e hipócritas cobertas por uma auréola de moralidade.

Sade está inserido na corrente dos "moralistas franceses", que fazem uma crítica contundente às "boas maneiras" que, na verdade, são falsas e hipócritas. Nessa perspectiva literária, Sade está à frente, seguido por Jean de LaFontaine, Francisco de La Rochefoucauld e Baltasar Gracián, entre poucos outros.

Sade propõe várias teses sustentadas na confrontação entre os anseios da pessoa e as proibições, entre o que é mostrado como público e o que é vivido como privado. Em sua abordagem da "virtude de Justin", a partir de seu sofrimento e da questão de se a auto-censura "vale a pena", Lacan mostra que o sofrimento tem valor, não na unidade métrica do desejo, mas sim do gozo.

Vemos, então, o ganho (em termos de gozo) do sofrimento, de se passar por cima de si mesmo, de ser "bom" sem questionar seu desejo. É o Superego quem recompensa esses sacrifícios, quem aplaude e usa a culpa para continuar mantendo sua hegemonia e submissão ao gozo, na maneira em que o gozo é proposto como medida da vida. A moral é o reino dos imperativos do gozo, mas também há um protagonista que é dar peso ao sujeito do enunciado, o Eu, a atuação da pessoa entendida como a máscara, o personagem que segue um roteiro, aquele Eu que se regozija no gozo e que, se olhando autocomplacente, diz: "como eu sou bonito", "como sou uma pessoa sacrificada e boa".

Assim, Confúcio, Kant e Sade mostram as formas desse domínio e a maneira de legitimá-lo. Mas, como em tudo, a dialética leva (como observa Hobbes) a que "o homem seja o lobo do homem"; é por isso que ele tenta se defender de seus semelhantes. Isso é visto ainda mais profundamente com o texto do "Discurso sobre a servidão voluntária" de Étienne de La Boétie, que evidencia "a moral do rebanho", como Nietzsche a chamava; sem esquecer que, se há rebanho, também há lobos e pastores. O rebanho faz os seus membros suporem que a proteção está em ser um como os outros; o medo é um ingrediente importante para ser membro do rebanho, o que implica necessariamente estar no âmbito da circulação do gozo e das diferentes maneiras de administrá-lo, apenas que essa maneira de enfrentar a vida é protegida pela moral. A mesma que, com as mudanças históricas (como Giacomo Leopardi propunha com o que chamava de gatopardismo), muda de forma para continuar, no fundo, sendo a mesma. Segundo Sade, é libertino para a sociedade, aquele que percebe as mentiras e não cai nelas.

Lembrando, Hegel diz que não é o senhor que cria o servo, mas é o servo que legitima o senhor, gerando sua própria condição de servidão por meio do medo. O senhor pode amplificar essa condição e torná-la mais servil, e assim ambos se colocam na posição assimétrica correspondente.

Seguindo essa linha de pensamento, Lacan se contrapõe à situação paradoxal em que se encontra Antígona: por um lado, ela pode seguir as instruções de seu tio e sogro tirano, Creonte, que governa criando as leis da cidade e que a impede de realizar os ritos funerários para seu irmão Polinices; ou, por outro lado, seguir as leis da "Diké" (da tradição moral) e dar-lhe sepultura. O preço desta última era a morte, e sabemos que esta encruzilhada leva Antígona a enfrentar uma pergunta simples: "Poderei continuar vivendo, sabendo que meu irmão é um espírito sem paz e vagando pelo resto dos tempos?" A resposta é clara: ela não pode sobreviver obedecendo ao mandato do tirano; isso não seria viver. Então ela se confronta com a escolha entre suas duas possíveis mortes, a de obedecer as ordens e "viver" (o que seria como ir morrendo em uma agonia permanente) ou morrer, dando os ritos funerários necessários ao irmão.

Morte no "simbólico" e "morte física" se tornam os dois planos que levam Antígona a sair da órbita da moral a serviço do gozo que é obedecer a lei da cidade, e confronta isso. Seu desejo é o que a leva a se opor ao mandato tirânico, percebendo que viver é muito mais do que estar. As coisas existem, mas não têm existência. Onde se situar então? Do lado do homem comum, do Dasman, do personagem? Ou do lado do herói, do Dasein, do sujeito do desejo?

Em resumo, parece claro que a ética diz respeito ao processo pelo qual uma pessoa é capaz de perceber sua submissão moral e, a partir disso, mudar de posição subjetiva e se colocar sob a verdade do seu desejo.

O processo analítico requer que o analisando, que é quem analisa, encontre sua palavra vazia, sua fala oca, seu lugar como pessoa, sua submissão aos imperativos do gozo, sua legitimação desses imperativos por seus ideais, seu lugar no mundo como Eu, para, a partir

da psicanálise, dar lugar a uma palavra plena, ao dizer, à verdade do desejo que subjaz a uma existência. Ou, como Lacan coloca neste seminário, a um "bem-dizer", ao interesse de estar envolvido nesse dizer, nessa ética que vai além dos sintomas para entender que eles não são os verdadeiros problemas, mas sim efeito de outros que podem levá-lo a mudar sua posição subjetiva, levando-o a enfrentar a vida de forma diferente. Qualquer mudança de posição subjetiva implica necessariamente uma atitude ética.

Certamente, existe uma proposta psicológica moralizada que cria uma série de ideais em torno do enfrentamento medicalizado do sintoma; mas, como todos os ideais, não tem outra tarefa senão fortalecer o Superego. A ética que Lacan propõe neste seminário não tem nada a ver com a ideia de ética que leva à proteção da saúde, como acontece com o juramento hipocrático, em que se busca o adequado posicionamento do servidor da saúde; novamente, vemos que isso é uma juramentação moral. O analista promove um dispositivo que permite a quem paga pela sessão a possibilidade de analisar seus sintomas, seus desconfortos, suas inibições, etc. Descobrir a direção de uma mudança de posicionamento subjetivo, para sair do imobilismo do "furor analisandis"; para fazer uma mudança na maneira de viver sua vida, já que isso é a verdadeira causa de seus desconfortos. Esse é o plano ético que permite se posicionar de forma diferente em relação aos sintomas, a partir de "um saber fazer" com eles; mesmo em um plano de sublimação (como propõe Lacan), de dar a dignidade da Coisa ao objeto. Isso implica uma certa transubstanciação em relação à Coisa, mas também em relação aos sintomas, permitindo que eles deixem de ser obstáculos e causas de sofrimento, para convertê-los até mesmo em arte, a partir da mediação de um artifício, de um artefato (arte-factum), que em outro momento será chamado de Sinthome. Os poetas malditos são um exemplo extraordinário desse processo de transmutação da dor em poesia, em arte. Um confronto com a Coisa e com o Outro, que vai além do sentido, da proporção, da relação de complementaridade, que é efeito de uma falta ativa constituinte; observando a compulsão a enchê-lo de qualquer coisa, porque seu vazio é insuportável para "o personagem que figuramos ser", aquele que se assusta e esconde sua própria violência. Trata-se de uma ética e

estética (no sentido freudiano e aristotélico) a serviço da verdade do desejo; e é por isso que Lacan diz: "proponho que a única coisa da qual pode sentir-se culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é ter cedido em seu desejo" (Lacan p. 379).